

QUESTÕES DE GÊNERO PARA A PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DO FUTSAL DE ATLETAS DE ELITE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Luana Rodrigues Queiroz¹
Flávia Volta Cortes de Oliveira²
Renato Francisco Rodrigues Marques³

Resumo: A prática de futsal por mulheres é algo que vem crescendo muito nas últimas décadas, e é influenciada por inúmeros fatores sociais, incluindo questões de gênero muito presentes dentro do contexto do esporte, o que aponta uma demanda por mais estudos nessa área. O objetivo deste estudo foi analisar a percepção de atletas adultas de uma equipe de futsal feminino de elite do estado de São Paulo, em relação ao apoio de familiares e amigos para a prática, relacionando às questões de gênero. O objetivo específico foi analisar a ocorrência e possível influência de questões de gênero atuando como barreira à prática de futsal para as mulheres. Foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com jogadoras de uma equipe de elite do estado de São Paulo. Após análise temática reflexiva, os resultados foram discutidos com base na literatura. Conclui-se que as atletas ainda enfrentam diversas dificuldades, relacionadas a preconceito, apoio e oportunidades, muitas baseadas no suporte para inserção e na estrutura da modalidade para manutenção do engajamento das atletas no futsal.

Palavras-chave: Gênero; Esporte de elite; Futsal feminino; Futsal; Preconceito.

Gender issues for the permanence in futsal practice of elite athletes from the state of São Paulo

Abstract: The practice of futsal by women has grown a lot in recent decades, and is influenced by numerous social factors, including gender issues, that are very present within the context of the sport, which points to a demand for more studies in this area. The aim of this study was to analyze the perception of adult athletes from an elite women futsal team in the state of São Paulo, in relation to the support of family and friends for the practice, relating to gender issues. More specifically, the study aimed to analyze the occurrence and possible influence of gender issues acting as a barrier to the practice of futsal for women. Nine semi-structured interviews were conducted with players from an elite team in the state of São Paulo. After analyze data with Reflective Thematic Analysis, the results were discussed based on the literature. It is concluded that the athletes still face several difficulties, related to prejudice, support and opportunities, many based on support for insertion and on the structure of the modality to maintain the athletes' engagement in futsal.

Keywords: Gender; Elite sport; Woman futsal; Futsal; Prejudice.

¹ EEFERRP- USP - Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto. Email: luana.r.q@usp.br

² Unicamp Email: flavolta1@yahoo.com.br

³ EEFERRP- USP - Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto. Email: renatomarques@usp.br

Introdução

O futsal é um esporte praticado mundialmente, criado em 1989 pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). A FIFA afirma que existe mais de um milhão de jogadores de futsal, tanto homens quanto mulheres, registrados em todo o mundo. No Brasil, o futsal é o esporte com maior número de jogadores homens inscritos, é o quarto esporte mais praticado por atletas adolescentes, além de ser o esporte mais praticado nas escolas. O Brasil é um país com grande destaque nas competições internacionais de futsal praticado por homens e por mulheres, sendo que entre as mulheres, foi seis vezes campeão mundial (venceu todas as edições deste torneio). A prática sistemática e organizada do futsal de mulheres no Brasil é recente em comparação à dos homens. O primeiro clube brasileiro de futsal praticado por mulheres foi fundado no ano de 2000, e o início do primeiro campeonato estadual do país em 2002. O número de mulheres praticantes de futsal é menor do que o de homens, mas percebe-se um aumento da quantidade de jogadoras, bem como de sua relevância e impacto esportivo dessa modalidade esportiva, tanto no Brasil quanto no mundo (MASCARIN; VICENTINI; MARQUES, 2019).

A história do futebol praticado por mulheres, que se relaciona diretamente com a prática de futsal por mulheres, teve um início conturbado e tardio. A prática foi alvo de intenso preconceito pela sociedade nos anos 1920, sendo que a primeira partida aconteceu no ano de 1921. Nos anos posteriores tornou-se uma prática proibida às mulheres, através do Decreto-Lei 3.199 de 1941 que juntamente com outras modalidades esportivas, foi considerado inadequado à natureza das mulheres. Após a revogação deste decreto, teve início um período de melhora gradual nesse cenário, como por exemplo, a ocorrência da Copa do Mundo em 1991. Atualmente, tanto no contexto do futebol quanto do futsal, as mulheres vêm ganhando espaço e mais oportunidades, mas ainda de maneira secundária em relação aos homens (TAMASHIRO; GALATTI, 2018).

O preconceito contra a atuação das mulheres no futsal existe devido a diversos fatores. Dentre estes fatores está a crença na aproximação entre o futsal e a masculinização da mulher, devido à sua associação com um universo

masculino, através de gestos viris que não são tradicionalmente associados à feminilidade imposta às mulheres (GOELLNER, 2005).

Nessa direção, torna-se relevante definir o termo gênero que foi usado por muito tempo como forma de designar traços de caráter ou traços sexuais dos indivíduos. Isso resultou em imposições estabelecidas em torno desse termo, em que existiriam dois sexos, estáveis e opostos, tendo, homens e mulheres, seus respectivos papéis políticos, econômicos e culturais supostamente baseados em fatores biológicos, que são na verdade apenas acordos sociais (OLIVEIRA, 2016). Segundo Mascarin, Oliveira e Marques (2017, p. 2), “o futsal, assim como o futebol de salão e o futebol, caracteriza-se como um espaço de reserva masculina”. Isso se deve à ideia, por vezes já reforçada pela medicina e pela biologia, as quais consideravam o futebol impróprio para mulheres. Essa ideia ajudou a disseminar a associação entre futebol, futsal e sexualidade das atletas, criando estereótipos quanto à manifestações de gênero e de sexualidade, resultando em preconceitos (MORAES, 2012).

O conceito de gênero não se direciona a diferenças sexuais, ele transmite significados e valores culturais que são ideologicamente, e equivocadamente afirmados como naturais, o que implica em determinismos, e gera padrões e expectativas baseadas no sexo biológico (FIRMINO; PORCHAT, 2017). Neste sentido, Goellner (2005) afirma que o medo da sociedade em relação à prática das mulheres, além de acreditar que traria desonra a essas praticantes, se preocupa com o seu possível sucesso nelas, o que infringiria as pretensas leis da natureza, tornando-as mais fortes e gerando um conflito entre a dominância do gênero masculino sobre o feminino.

O conceito de gênero foi por muito tempo baseado somente em traços biológicos dos indivíduos, sendo estáveis e opostos, trazendo certa dualidade a esse contexto, sem considerar que ele se baseia em um fenômeno socialmente acordado (OLIVEIRA, 2016). Ocorre que existem estereótipos que atribuem quais características cada gênero deve possuir, e tendo o futsal uma demanda de intensa demonstração de força, vigor, rivalidade, a aparência corporal desenvolvida pelas atletas diverge ao estereótipo do gênero feminino imposto pela sociedade em que essas jogadoras estão inseridas (MOREIRA, 2019).

Como Silveira (2019) sugere, esse vínculo com o universo masculino acaba fazendo as atletas desta modalidade esportiva serem estereotipadas como homossexuais, também por uma falta de entendimento da população das diferenças entre os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, sendo usados erroneamente como sinônimos (GOELLNER, 2005).

Como se pode perceber em Mascarin, Oliveira e Marques (2017), para praticantes de futsal de elite no interior do estado de São Paulo, é esperado que, mesmo ao estarem nesse universo de reserva masculina, sejam femininas e não se aproximem de uma expressão gestual masculina. É relatado ainda, que as atletas que se expressam de forma a serem identificadas como de maior masculinidade, que se associam a uma imagem que se aproxima do estereótipo homossexual, sofrem certa resistência até mesmo por parte de sua própria equipe, que cria uma pressão interna para que todas as jogadoras do time ajam conforme o esperado para o contexto de feminilidade, visto que estar fora deste padrão gera mais dificuldades para conseguir patrocínios.

O apoio familiar para a construção da carreira da atleta pode ser vantajoso. Como Altmann e Reis (2013) relatam, muitas vezes o primeiro contato dessas mulheres com o futebol é junto a seus irmãos, em geral no meio de outros meninos. Apesar de terem certo apoio, este não é normalmente oriundo dos pais, visto que os meninos costumam ter a presença de seus familiares na arquibancada para assistir seus jogos, o que não ocorre com as meninas. Segundo Vissoci (2013), para que a atleta tenha uma carreira bem-sucedida, o apoio familiar pode influenciar positivamente por meio do encorajamento, motivação e ensino de valores morais. A família também pode influenciar negativamente no desenvolvimento da atleta, no caso das meninas, no ensino de preconceitos em relação a essas práticas, podendo dificultar a vida dessas atletas, ou, até mesmo, fazendo-as desistir. Neste contexto, o futsal de mulheres é ainda um assunto pouco explorado pela literatura. Acaba sendo rodeado de estereótipos e preconceitos, os quais devem ser estudados e esclarecidos (TAMASHIRO; GALATTI, 2018).

Dessa forma, tornou-se pertinente investigar as questões de gênero relacionadas à prática e aspectos socioculturais envolvidos no futsal praticado por mulheres. Percebe-se que no futsal ainda existem diversas barreiras

relacionadas à prática do futsal pelas mulheres e assim, a pergunta central deste projeto de pesquisa foi: Como o gênero influencia a permanência na prática de futsal feminino em atletas adultas de uma equipe de elite do estado de São Paulo?

Neste contexto, pode-se perceber a lacuna existente na literatura sobre o tema, o qual ainda precisa ser bastante explorado e analisado, principalmente em se tratando de esporte praticado por mulheres. Considerando este cenário, o objetivo deste estudo foi analisar a percepção de atletas adultas de uma equipe de futsal feminino de elite do estado de São Paulo em relação ao apoio de familiares e de amigos para a prática, relacionando às questões de gênero. O objetivo específico foi analisar a ocorrência e possível influência de questões de gênero atuando como barreira à prática de futsal para as mulheres.

Este trabalho justifica-se por oferecer reflexões sobre aspectos socioculturais relacionados ao futsal praticado por mulheres no Brasil, especificamente quando inserido no contexto do esporte de elite. Permite também refletir sobre as condições para a permanência das atletas no futsal a partir da perspectiva das próprias jogadoras, bem como possíveis questões de gênero vinculadas a tal contexto. Os resultados deste estudo oferecem subsídios teóricos que contribuem para uma melhor compreensão sobre facilitadores ou barreiras para que mulheres sejam inseridas e se mantenham na prática do futsal. Para subsidiar tal investigação, este estudo utilizou-se de trabalhos existentes na literatura que abordam questões de gênero e suas influências para a prática esportiva, principalmente no futebol e no futsal.

Referencial teórico

Para estudar mulheres na sociedade e as consequências das questões de gênero nos diversos contextos sociais, é necessário que seja considerada a literatura de gênero, que ao longo dos tempos foi construindo o conhecimento nessa área. No contexto do esporte não é diferente, sendo que pautar-se na literatura que dá suporte à análise do tema estudado faz-se necessário. Nesse trabalho o conhecimento produzido por autoras de gênero da educação física e esporte foi o principal norteador da análise do tema em questão.

Para compreensão dos termos gênero e sexo, a história do feminismo foi um forte fator que influenciou e trouxe mudanças para o significado dos termos durante a trajetória do movimento. A primeira onda feminista, que ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX, deu início a busca pelos direitos das mulheres e teve como o objetivo principal a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Houve nesse momento uma forte luta pelo direito à participação política para as mulheres, o chamado movimento sufragista. Para contextualizar o Brasil, em 1932 Getúlio Vargas assinou decreto que dava direito ao voto às mulheres. Neste primeiro momento as principais reivindicações estavam ligadas a questões sociais e políticas. A primeira onda deixou de herança a distinção de feminino e masculino, o que ampliou o significado do termo gênero, e percebeu-se posteriormente o caráter maleável desses termos, quebrando a ideia de naturalidade sobre o que é o feminino e o que é masculino, sendo sempre atravessado por uma disposição social e apoiado pela subjetividade (AUGUSTO, 2022; LOURO, 2006)

A segunda onda do feminismo, iniciada por volta dos anos 1960, já contava com algumas melhorias estabelecidas pela primeira em relação aos direitos das mulheres. Dessa forma, a luta foi ampliada para uma busca pelos direitos reprodutivos, com o surgimento das pílulas anticoncepcionais e pela liberdade em relação à sua sexualidade da mulher. Neste segundo momento, em que outras pautas ganharam relevância, houve também a entrada das discussões e estudos sobre mulheres para dentro das universidades, momento em que foi possível problematizar o conceito de gênero e desenvolver teorias acerca do tema. Passou-se então a compreender que há uma diferenciação entre os termos sexo e gênero, sendo questionada a definição dualista existente até então, de uma relação direta e natural entre ambos. Dessa forma, passou-se a considerar que sexo se refere ao corpo, à genitália, e gênero à identidade, à cultura, à maneira de ser, e que é plural. Esse conceito foi essencial para diferenciar o biológico e o cultural, desnaturalizando ideias sobre as identidades e funções sociais de homens e mulheres, que atribuíam a elas locais de pertencimento inferiores em relação aos homens (AUGUSTO, 2022; LOURO, 2006).

Com a conquista das mulheres do uso de métodos anticoncepcionais, na busca de igualar-se aos homens, tornou-se possível desvincular o sexo da maternidade como compromisso, buscando retirá-las da condição de subordinação ao homem. Visto que o casamento e a maternidade eram entendidos como tarefas fundamentais para as mulheres, então tudo que as distanciasse disso seria um desvio de sua função social. A sexualidade no contexto do sexo e gênero é carregada de conceitos arbitrariamente atribuídos e esperados. Há uma expectativa reducionista da sociedade que considera contextos, comportamentos e condutas como sinônimos de homossexualidade, e levam a uma visão preconceituosa de quem pertence ou se identifica com tais contextos e comportamentos, independente da orientação sexual dos indivíduos em questão (AUGUSTO, 2022; LOURO, 2006; OLIVEIRA, 2016).

Com isso, a sexualidade aparece como um fator importante para se analisar os significados dos termos sexo e gênero, que acabam sendo enviesados pela heteronormatividade. Ou seja, partem do princípio da relação entre um homem e uma mulher, até mesmo em relações homoafetivas, com questionamentos de quem faria o papel do homem e quem faria o papel da mulher. Isso se deve ao que podemos chamar de heterossexualidade compulsória, que significa que no momento do nascimento, assim que atestado o sexo biológico, já é imposto à criança as características de gênero e a orientação sexual, ou seja, a heterossexualidade. Nesse contexto, tudo que foge do ideal heterossexual de representação masculina ou feminina seria considerado errado, ou pelo menos inferior, não dando espaço para representações plurais. Assim, na terceira onda, passa-se a acreditar que os termos não têm um significado fixo e intrínseco à palavra, seriam, portanto, devido às construções sociais, as quais variam não somente de uma sociedade para outra ou do momento histórico, mas dentro de uma mesma sociedade em diferentes grupos. (AUGUSTO, 2022; LOURO, 2006)

Neste estudo o termo sexo será entendido como biológico, e o termo gênero irá se referir às construções sobre as identidades sociais que são subjetivos e podem ou não incluir o sexo, mas não é determinado por ele. Já a identidade de gênero refere-se à identificação pessoal do indivíduo em relação ao gênero. Assim como a identidade de gênero, a identidade sexual, que se

refere à sexualidade do indivíduo, é construída durante sua vida, ela não é determinada em seu nascimento, nem mesmo ao atingir a maturidade, ela é construída e pode passar por transformações. Sendo a sexualidade, portanto, definida por, primeiramente, como ele se identifica em gênero, e por quem ele se atrai dentro do gênero, não sendo sexo um fator necessariamente associado à definição de sexualidade (LOURO, 2006).

Em vista disso, trazendo para o campo da educação física e esporte, é importante destacar que as diferenças entre homens e mulheres são inúmeras, e entre elas destaca-se o fator cultural. Nele se pode pontuar como as diferenças motoras não são naturais dos sexos, o que quer dizer que elas não são determinadas biologicamente, podendo ser revertidas. Visto que, ao se desenvolver o repertório motor quando crianças, homens logo cedo já são mais estimulados a participar de esportes e brincadeiras mais favoráveis a construção de um repertório motor maior do que as mulheres. Assim, expectativas são criadas para cada sexo, hábitos são passados de uma geração para outra, o que faz com que filhos tendam a seguir o comportamento dos pais, garantindo a conservação desses costumes. Com isso, sempre que homens e mulheres vão contra essas expectativas eles são encarados como rebeldes, o que torna mais conveniente seguir esses padrões (DAOLIO, 2002).

Metodologia

Esta investigação de abordagem qualitativa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, com nove atletas mulheres adultas de futsal, participantes de competições em nível de elite do estado de São Paulo. O treinador da equipe foi contatado e colaborou intermediando o contato com as atletas, fornecendo possíveis datas e horários para as entrevistas e garantindo que os procedimentos não interferissem nas atividades de treinamento e/ou competição. As entrevistas foram realizadas através do aplicativo de comunicação remota Google Meet, com duração aproximada de 30 minutos. O áudio de cada entrevista foi registrado com um gravador digital e transcrito literalmente. As participantes receberam pseudônimos para preservar o anonimato. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da universidade sede dos atores (CAAE: 54494021.1.0000.5659).

Utilizou-se um roteiro para guiar as entrevistas com perguntas sobre as perspectivas das atletas, lembranças e pontos de vista pessoais sobre suas próprias experiências durante sua formação e sua carreira, e quanto acreditam que sua manifestação de gênero interferiu nessas vivências. O guia de entrevista consistiu em três seções: a) informações pessoais; b) trajetória no esporte; c) mulher no esporte.

A última etapa do estudo foi a análise e discussão dos dados, a partir de um diálogo entre aspectos ligados ao objeto da pesquisa, provenientes deste estudo de campo e de referencial teórico ligado aos estudos sobre questões de gênero relacionadas ao esporte.

Para a análise das transcrições foi aplicado o método Análise Temática Reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2006, 2019; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016), que se caracteriza como flexível e adequado a diferentes enquadramentos. Dentre suas mais frequentes aplicações, este método de análise possibilita o estudo de perspectivas pessoais sobre diferentes fenômenos, especialmente ligados ao contexto esportivo (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). A análise temática reflexiva consiste em identificar, analisar e relatar os padrões (temas) dentro dos dados, e nela se organizar de forma que se descreva um conjunto de dados detalhados (BRAUN; CLARKE, 2012).

Neste método, após ser feita a primeira análise, criou-se uma codificação referente às características dos dados. Após a codificação, tais dados foram divididos em temas de acordo com a relevância para cada código construído. Em seguida, após a divisão dos códigos e categorização destes em temas, verificou-se a relação entre eles, sendo possível gerar um mapa temático de análise. Nesta etapa, o/a pesquisador/a buscou interpretar e relacionar temas que aparentavam ser diferentes. Por fim, através do mapa temático de análise, a última etapa consistiu na construção de argumentos de modo a estabelecer uma relação entre os temas selecionados e a literatura existente sobre o conteúdo encontrado (BRAUN; CLARKE, 2006). Desta forma, para fazer a análise sobre os discursos das atletas, foram adotados os seguintes procedimentos (BRAUN; CLARKE, 2006): a) familiarização com os dados; b) produção de códigos iniciais; c) pesquisa por temas; d) revisão dos temas; e) definição e nomeação dos temas; f) produção de relatório de resultados. A

partir da análise foram construídos o seguinte mapa temático:

Tema 1: Preconceito e falta de estrutura - Códigos: a) Preconceito da própria família, ou de outras pessoas próximas, ou até mesmo no alto rendimento com diferenças salariais e visibilidade; b) Falta de estrutura e de meninas para time de base/ iniciação tardia. Tema 2: Oportunidades de investimento e apoio - Códigos: a) Oportunidades e apoio externos; b) Dedicção e facilitadores internos.

Foram entrevistadas nove atletas que foram designadas aleatoriamente com um número (P1 a P9) para proteger suas identidades.

Resultados e discussão

Com base no discurso e perspectiva das atletas, o primeiro tema, “Preconceito e falta de estrutura”, discute sobre as dificuldades que elas enfrentaram enfatizando as barreiras superadas para conseguir jogar na elite do futsal do estado de São Paulo. O segundo tema, “Oportunidades de investimento e apoio”, discute acerca dos facilitadores no processo das jogadoras até tornarem-se atletas de elite. Foram consideradas as oportunidades de jogar, apoio de familiares, de treinadores dentre outros fatores que possibilitaram o processo de se tornar atleta. Para cada tema discursos representativos foram incluídos, assim como a discussão com base na literatura da área.

Tema 1: Preconceito e falta de estrutura

Segundo Muzzeti (2017), são atribuídos arbitrariamente deveres e expectativas referentes a cada gênero. Eles influenciam comportamentos sociais, os quais são caracterizados pela repressão de uma sociedade conservadora e guiada pela imposição do masculino como melhor, defendida e escoltada por um machismo historicamente constituído. As atletas entrevistadas relatam as consequências dessa perspectiva, uma vez que percebem ter que fazer sempre mais para serem reconhecidas, ou até mesmo, brigarem diariamente para que suas escolhas sejam válidas e respeitadas.

A gente (mulheres) tem que fazer tudo em dobro parece (P2).

É complicado, a gente tem que lutar todos os dias, buscar mostrar que não tem uma diferença assim entre o futsal masculino e o futsal feminino. Vou comparar o Neymar e a Marta, o Neymar é homem, ele joga com homens, e ele tem as características dele, sensacional, ele joga excelente. A Marta é uma mulher, ela joga com mulheres, e ela tem as características dela, que ela se sobressai sobre mulheres, então porque essa diferença, esse preconceito sabe? Sendo que a gente pode jogar, a gente tem condições de fazer esse esporte, nada nos limita. Existe esse preconceito, acho que vem muito de antigamente, de colocar mulheres só para limpar casa, fazer essas coisas. mas sempre batalhando, mostrando que a gente está aqui, a gente é mulher, a gente pode fazer o que a gente quiser. Acho que essa luta diária e ao longo dos anos vem melhorando bastante na mídia, com a valorização dos esportes mesmo assim (P3).

Eu vejo que todos os dias a gente tem que batalhar para ter uma evolução, principalmente para as gerações futuras, eu acho que já tivemos muitos profissionais que se dedicaram ao máximo, que realmente lutaram pelo direito da visibilidade. Dentro da seleção feminina é a Marta, a Formiga e entre outras de outras modalidades, que estão sempre à frente, falando que para a evolução a gente precisa buscar, lutar pelos nossos direitos e essa... não ter essa desigualdade, tanto no feminino quanto no masculino, e em nenhum lugar na nossa sociedade. Elas foram abrindo portas para outras mulheres crescerem também, não podemos aceitar menos do que a gente merece e pretende ter, eu acho que é uma luta constante (P4).

Vale ressaltar a importância mencionada por P3 e P4 de atletas mulheres que vieram antes, pois a sociedade está em constante evolução e transformação, e vários espaços que hoje podem ser ocupados por elas, vem da atuação dessas mulheres pioneiras. Atualmente encontra-se um cenário de restrições e preconceitos, mas já com melhoras visíveis, consequência das lutas das mulheres ao longo do tempo.

Todas as atletas entrevistadas relataram sofrer algum tipo de preconceito ou discriminação por serem mulheres atletas de futsal.

Ainda infelizmente, falam: “ah, mas você joga bola? você ganha pra isso? ah, mas vale a pena?”, tipo, acho que esses comentários quando é um cara com a minha idade jogando bola e está vivendo bem, eles não vão fazer esse tipo de pergunta, sabe? “[...] Eu acho que isso mostra preconceito que ainda existe mesmo com a gente ganhando visibilidade. Assim, claro existe uma diferença muito grande entre o salário de homens e mulheres dentro do futsal também, infelizmente, mas isso não significa que você está morando fora da sua casa de graça né? então eu acho que esse é o principal ponto, mas hoje a galera já respeita mais, já aprendeu a respeitar mais o futsal feminino (P1).

Sempre vem alguém: “ah, você só joga? você não faz mais nada? ou “você trabalha ou você só joga?” uma minoria acha que isso não é coisa de

mulher, sempre tem, mas eu acho que a maioria fica surpresa, coisa que elas nem imaginavam que poderia ter (P2).

Devido às barreiras enfrentadas pelas mulheres no futsal, muitas lutam por seus direitos, criticam a falta de oportunidade, ou como são tratadas com diferença em relação aos homens. Elas trabalham ocupando espaços antes não pensados para elas, atuando dentro de times como treinadoras, atletas e outros cargos dentro da comissão. Estas atletas são de extrema importância para a história das mulheres com a ocupação de espaços antes negados a elas (GOELLNER, 2005).

As atletas deste estudo referem enfrentar barreiras ao tentar se inserir no futsal, vindas até mesmo de seus pais o receio de que pratiquem o futsal.

Quando eu tinha 10 anos, depois de implorar bastante para os meus pais, eles deixaram eu entrar em uma escolinha de futsal. [...] Meus pais não queriam me pôr no futebol, futsal em si, por conta de ser um esporte de meninos (P1).

Era meio... não era tão bom. No começo eu treinava meio que escondido do restante da minha família, meu pai e minha mãe sabiam por que eles tinham que saber (P1).

Acho que o feminino é um pouco mais difícil apoiar de princípio, no começo não, meus pais não queriam não, só achavam que era aula, coisa que seria da escola mesmo, “jogo na escola, jogo na rua” e até mesmo na rua não gostava muito (P5).

No esporte padrões e estereótipos se mantêm e interferem na inserção, adesão e permanência dentro de cada modalidade. Percebe-se que os padrões sociais induzem a uma crença de que diversas características são intrínsecas ao sexo biológico, determinam traços de caráter, comportamento, função social, espaços de pertencimento e possibilidades de movimentação para as mulheres (GOELLNER, 2007).

As atletas revelam a dificuldade em conseguir o apoio de seus pais para começar a treinar, e até mesmo quando conseguem, percebe-se o receio em lidar com o que o restante da família irá pensar.

Para que o processo de profissionalização no esporte tenha sucesso, muitas recorrem a pais e amigos, com maior importância a seus pais, que podem favorecer ou dificultar a permanência dessas mulheres no futsal (VISSOCI, 2013). Como os relatos acima comprovam, muitas das jogadoras não recebem

o apoio familiar de imediato, ele é conquistado com o tempo e não um ponto de partida para se inserir no futsal (ALTMANN; REIS, 2013).

As expectativas criadas em relação as mulheres estão associadas ao determinismo biológico, este que é uma perspectiva teórica que sustenta a ideia de que as normas comportamentais compartilhadas, assim como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos, principalmente de raça, classe e sexo, derivam de distinções herdadas e inatas. Estes fatores associados ao esporte fazem que se crie uma expectativa para a mulher, de que mesmo tendo que conseguir resultados e ter um bom desempenho, ela não pode deixar de demonstrar graciosidade, delicadeza e beleza, podendo atuar como mecanismos de exclusão das mulheres dentro de algumas modalidades (GOELLNER, 2007).

Essa lógica se associa ao discurso da mulher no futebol ser homossexual, demarcando o futebol como não condizente com determinadas expectativas em relação ao gênero e à sexualidade das mulheres (ALTMANN; REIS, 2013).

Já sofri (discriminação por ser jogadora de futsal), inclusive uma vizinha minha uma vez fez um comentário, para a mãe da minha amiga, que para mim até me abalou de uma certa forma, mas ao mesmo tempo serviu de incentivo. Ela falou pra mãe da minha amiga: “ah, você vai deixar a xxxxx, andar com ela?” “ela é machinho”. [...] então já sofri sim e quando eu fiquei sabendo daquilo eu fechei a cara para a pessoa (P3).

E ele (o treinador) também... machista, homofóbico. A maneira que ele falava e iria se impor em cima das meninas era uma maneira que te desfavorecia, era uma maneira que abalava muito psicologicamente se você não fizesse o que ele realmente queria (P4).

É... no começo era bem difícil né, porque eu tipo já sofri bullying em relação a isso, tipo preconceito: “ai, nossa, tu parece um menino” hoje em dia eu acho que tá bem melhor, eu acho que o feminino, graças a deus, vem crescendo muito e essa relação de preconceito (P8).

Como Altmann e Reis (2013) afirmam, a classificação ou suspeita de que mulheres que jogam futebol são homossexuais e o uso disso como forma de imposição social, são concepções socialmente construídas que se legitimam através de uma falsa naturalidade. Esta é uma prática discursiva com intuito de exercer controle sobre as mulheres, o que pode ser tanto no campo esportivo, quanto em relação ao seu gênero e a sua sexualidade.

Com isso, sabe-se que estudar mulheres no campo da educação física e esporte não é das coisas mais simples e nem com mais dados e textos sobre, visto que a história como a conhecemos sempre está articulada com quem a conta, que em geral, está submetida a quem tem mais poder e dinheiro na sociedade. Pode-se perceber que toda a história acabou por se vincular à história dos homens, tornando as mulheres invisíveis acadêmica e politicamente. O movimento feminista teve grande importância para dar visibilidade às mulheres na história, sendo inicialmente muito importante como elas marcaram e deixaram claro que a diferença existia, para que então se pudesse pensar em lutar por igualdade (GOELLNER, 2007).

Eu vejo na quantidade de pessoas que acompanham, que é muito grande, principalmente no ginásio, as finais de campeonato sempre estão vendo, ano passado, quando voltou da pandemia, tinha 20 pessoas no cantinho ali assistindo a final do futsal feminino da liga paulista, e no masculino um monte de gente indo assistir, então a gente vê sim isso. Mas às vezes eu acho que é por conta da divulgação também, porque esses dias eu estava comentando com um parente do meu namorado e ele comentou que ele não sabia do futsal feminino da cidade, ele não sabia quando ia ter jogo, não sabia quem era o time (P3).

Ia entrar no mérito de estrutura de salário, a gente sempre vai ter essa diferença de premiação, a gente vê como a federação trata a gente, você vê os masculinos, tem jogos com transmissões oficiais toda semana, feminino você só vai ter transmissão oficial na final. Você sempre vai ter preconceitos em relação a sexualidade, em questão de “a mas isso não é profissão, e sua família e como você vai constituir sua família, o que sua família acha disso?”. [...] Agora se for falar assim de como eu sofri, a gente sofre como um time principalmente na parte de transmissão de jogos de divulgação (P6).

Olha, eu diria que a diferença ainda é grande, do esporte e da divulgação, da remuneração, mas a gente é mulher, a gente enfrenta muitas coisas, a gente tá acostumada a muitas coisas, muita dificuldade, e é isso, a diferença ela tá aí infelizmente ainda. não só em questão de remuneração, essa parte todo mundo já sabe né? Mas em questão de campeonato também, o quanto está escasso alguns campeonatos femininos, coisas que tem no masculino (P7).

Os empecilhos encontrados por essas mulheres na busca de visibilidade, patrocínio e salário similares aos dos homens se sustentam por um discurso do

mercado. Este, como dito anteriormente, comandado uma predominância masculina, leva-as a falta de condições para se manter nele, acompanhado pelo discurso da masculinização das mulheres pelo esporte (GOELLNER, 2005).

Tema 2: Oportunidades de investimento e apoio

A falta investimento no preparo físico, técnico, tático e psicológico das jovens atletas pode atrapalhar o desenvolvimento de carreira (VISSOCI, 2013). Ademais, devido a precária estruturação da modalidade no país são escassos campeonatos, as contratações das atletas são raras e, praticamente, não existem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam se inserir no esporte, tanto como praticantes recreativas, quanto profissionalmente (GOELLNER, 2005). As consequências disto podem ser vistas também no relato das atletas deste estudo.

Bom, lá em XXX⁴, quando eu comecei era bem básico, a gente marcava quadrante só, não tinha outro tipo de marcação e o preparo físico também, a gente ia para a academia apenas para fazer um fortalecimento. Aqui na XXX⁵ é totalmente diferente, a gente entende o que a gente tem que fazer, o técnico está sempre mostrando, a nossa marcação varia muito diante dos jogos, as vezes a gente precisa marcar quadrante, às vezes precisa marcar individual, e a gente tem toda uma noção disso. E o preparo físico então, não preciso nem comentar assim, a academia é força, é explosão, as vezes a gente faz físico na quadra, tudo de acordo com o que a gente necessita (P3).

(treinava) a parte técnica, mas ainda era baixo pelo incentivo até que tinha na época, e também porque tinha pouco material para trabalho, mas tinha muitas meninas atrás, então ele fazia o que podia com o que tinha, treinava, mas não tinha tanta evolução quanto tem agora. Aí hoje em dia é mais profissionalmente mesmo, tem estrutura de academia, estrutura de preparação física, de treinamento específico. Por exemplo, para minha parte que é de goleiro, treinamento tático, técnico, então a gente estimula bastante essa parte cognitiva, atenção, estratégias, tomada de decisão rápida, é bem mais profissional mesmo, e bem global (P4).

[...] eu treinava (no campo), só que a gente não tinha tanto uma base forte assim, sabe? de investimento para treinar bem. No futsal a gente já tem, aqui e nos outros clubes que eu passei também eu tive um treino intenso, maior, mais intensidade e é puxado, sempre a gente tem que fazer uma coisa extra, como tomar algum suplemento ou alguma coisa pra aproveitar tudo isso dentro de quadra pra poder aguentar os treinamentos, no campo não (P9).

⁴ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade da atleta

⁵ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do clube

Oito das nove atletas relataram sofrer com a falta de investimento e estrutura durante seu período de iniciação esportiva. A percepção das atletas de hoje possuírem uma estrutura melhor de treino e oportunidades é um bom indicador, mas não deixam de afirmar que nem sempre foi assim.

Devido às dificuldades descritas acima torna-se necessário perceber quanto o futsal não precisa apenas ser conquistado pelas mulheres, mas, principalmente, quanto alguns sentidos que estão incorporados precisam ser ressignificados para que as mulheres possam se afirmar nesse espaço (GOELLNER, 2005).

Aí eu entrei na escolinha, mas tinham só meninos, 300 meninos e uma menina. [...] Era escasso as meninas (para montar o time), assim vamos se dizer, era um... tinha que trazer menina uma de um canto, outra de outro e de outro para poder montar um timinho de base pra poder jogar a federação (P1).

Segundo Mascarin, Oliveira e Marques (2017), quando a menina, em sua iniciação esportiva, tem sua vivência inicial com meninos, este pode ser um fator importante para que ela se dedique ainda mais, por precisar se provar o tempo todo no meio deles para continuar jogando. Apesar deste ser um processo duro que elas precisam passar para se afirmar no futsal.

A carreira que eu estou construindo, que ainda tenho 3 anos só, que se pegar as meninas que você entrevistou tem anos de carreira (P6).

Eu mudei (do futebol para o futsal) com 20 (anos), demorou um pouquinho, eu comecei no campo com 8 anos, mudei pro futsal com 19, 20 anos (P9).

As falas das jogadoras demonstram um contexto de especialização tardia no futsal segundo Cotê, Baker e Abernethy (2007), ou até mesmo no caso da P9 que se inseriu no contexto do futsal somente aos 19 anos, direto no futsal profissional, ou ainda P6 que começou a jogar profissionalmente somente aos 24 anos.

Assim como foi descrito nos parágrafos anteriores, mostra-se muito interessante tanto a questão do suporte, do apoio de pessoas próximas às atletas, quanto o investimento, as oportunidades, a estrutura para que essas meninas se insiram e se mantenham no esporte.

Doze anos jogando futsal, na escola mesmo, na escolinha pra meninas já (P2).

Desde os 14... eu cheguei a jogar... se eu não me engano com 15 anos a federação paulista sub 20 (P3).

Iniciei alguma atividade esportiva mesmo em 2009 e venho até hoje, eu comecei... eu praticava um pouco de tudo, na minha cidade sempre tinha né, então eu conseguia ter acesso, treinava futsal terça e quinta (P4).

A oportunidade e a estrutura para jogar surgem como um fator importante para construção da carreira das atletas. Devido ao fator histórico, o qual prejudicou a participação das mulheres na modalidade, perdura a visão do futsal ser inadequado às mulheres, o que gera implicações na introdução e permanência delas no esporte (OLIVEIRA, 2016). Junto à oportunidade e estrutura, o apoio familiar é um fator que oportuniza a prática, como relatado pelas atletas.

Eu saí de casa com 16 anos, e eles me apoiaram para sair de XXX⁶ e ir pra XXX⁷, então, sempre tive apoio dos meus irmãos e da minha família, padrinho, meu padrinho é super meu fã (P2).

A minha família era bem preconceituosa quanto a isso, hoje minha mãe acompanha, ela adora ver a seleção brasileira jogar, ela assiste, então, assim, é uma coisa que eu vejo que alguns anos atrás ela não queria nem saber e não queria que eu jogasse. Hoje ela está acompanhando junto comigo, quando eu pego mesmo pra assistir minhas amigas jogarem, ela tá lá, ela fica, ela comenta, ela pergunta, ela questiona como é que faz (P5).

Eu acho que um pouco foi muito incentivo do meu pai, [...] toda minha família, minha vó, meu vô, minhas tia, meus tio, eles sempre tem muito orgulho, eles tem muito orgulho de falar, igual minha vó “minha neta joga, mora lá em XXX⁸”, meu pai então nem se compara, eu quando dou uma camisa do meu time aqui pra ele, ele quer que coloque atrás o nome “pai da XXX⁹”, ele é fãzasso meu, ele vive postando, eu faço gol ele posta, a minha família também compartilha sabe? E graças a deus todo mundo me apoia e torce muito por mim (P8).

Apesar de algumas atletas entrevistadas contarem, a exemplo de P2 e P8, com o apoio familiar para a prática desde o início, muitas precisaram

⁶ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade da atleta

⁷ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade da atleta

⁸ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade da atleta e do clube

⁹ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade da atleta

conquistar esse apoio, a exemplo de P5. Além disso, a resistência dos pais é superada, na maioria das vezes, após eles perceberem as oportunidades que o esporte pode proporcionar para suas filhas (ALTMANN; REIS, 2013).

Com o passar do tempo, durante a carreira esportiva, as atletas passam a ser influenciadas não somente por seus pais, que, quando existe apoio, são seu ponto de partida, mas também por seus treinadores, os quais podem favorecer ou não sua permanência no esporte (VISSOCI, 2013). Conforme relato de P1 e P3, seus treinadores foram fundamentais no processo.

Toda a base que tenho de futsal, toda experiência que tenho, tudo que eu vivenciei, que eu tive oportunidade de vivenciar até hoje, eu tenho que ter gratidão a ela. É uma pessoa que fazia de tudo, foi ela quem me acolheu quando eu tinha 11 anos, ela podia falar assim “o que que uma menina de 11 anos vai entrar na minha equipe?”, uma equipe com meninas de 25, 26, 22 anos e ela não, ela fez o contrário disso, ela me abraçou, me acolheu, tinha muita paciência, convenceu meus pais, porque tinha campeonato que eu com 12 anos tinha que passar 2 dias fora, uma semana fora, imagina contar isso pra um pai, isso na época, era bem complicado, e ela com a maior paciência do mundo me acolheu, me ajudou (P1).

Quando eu comecei a XXX¹⁰ foi sensacional comigo, ela sempre me apoiou, ela tem um carinho enorme por mim até hoje. Na época eu tinha 14 no meio do pessoal de 18, 19, 20. Então ela sempre teve um carinho muito grande por mim, e eu por ela, por tudo que ela fez comigo. me ensinou e me incentivou desde o começo [...] depois, no futsal, só fui pra XXX¹¹ mesmo, tive o XXX¹² aqui, que saiu, mas o XXX¹³ começou a me ensinar o que era o futsal, começou a me explicar e fui entendendo né. O XXX¹⁴ não me colocava para jogar, acho que ele tinha um certo receio por eu ser do campo, mas ele me ensinou bastante também. E hoje é o XXX¹⁵, o XXX¹⁶[...] Ele que me ensinou bastante também e me ensina até hoje, então sou muito grata a todos eles (P3).

¹⁰ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

¹¹ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do clube

¹² XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

¹³ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

¹⁴ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

¹⁵ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

¹⁶ XXX - Neste trecho, foi ocultado uma palavra da entrevista, a fim de manter a confidencialidade do profissional

Um ponto importante percebido nas entrevistas é em relação às oportunidades financeiras e de estudos proporcionados pela prática de futsal. As meninas recebem bolsas que são fundamentais para que possam estudar e garantir uma profissão para o pós -carreira de atleta.

E eu uso do esporte pra poder me formar, então acho que o esporte em si além de ser uma carreira boa pra você seguir, é uma forma de você estar estudando, se formando, é uma oportunidade, porque a maioria dos clubes acabam te dando uma bolsa na faculdade então eu acho que o meu maior incentivo além de ser algo que eu amo muito é ter a oportunidade de estudar sem ter muitos gastos. Não se ser algo vai interferir muito na minha vida financeira também porque uma bolsa de faculdade é difícil ganhar (P5).

Eu joguei campo e eu só mudei para o futsal por conta da bolsa da faculdade, [...] me deu a oportunidade do estudo, então aí ela (a mãe) entendeu basicamente que isso daria certo, consegui ajudar bastante em casa, consigo ajudar, então ela meio que aceitou. [...] Caminhos que foram abertos, não só no futsal, mas também extra quadra como o emprego no meio da área que eu me formei através do futsal eu consegui contatos que me permitisse um emprego, uma questão maior na minha formação, além de aprimorar mais as coisas tipo de ganhar meu sustento através disso, de poder ajudar minha família então (P9).

Os relatos acima demonstram como as bolsas de estudo foram essenciais para a transformação da carreira acadêmica das atletas, possibilitando o acesso e conclusão do ensino superior. Assim como Altmann e Reis (2013) afirmam, as atletas muitas vezes recebem bolsas de seus clubes e do governo, além de bolsas de estudo em cursos universitários, o que possibilita muitas meninas e mulheres a manterem suas carreiras como atletas.

Seguindo no tema oportunidades de investimento e apoio, foi ressaltado pelas atletas e exemplificado a seguir, não somente fatores externos que oportunizaram sua permanência no futsal, mas também fatores internos, partindo delas mesmas, que permitiram que elas se mantivessem na modalidade.

Aí foi quando eu realmente me apaixonei, minha mãe ficava morrendo de medo né, porque as outras meninas tudo gigante e eu bebê ainda, treinando com elas, mas foi quando eu realmente me apaixonei, eu vi que eu realmente gostava daquilo, porque mesmo com a cobrança, mesmo com as partes mais chatas de treinos táticos, eu gostava de estar lá. Eu sempre chegava muito cedo, porque eu

gostava de estar lá assistindo as que treinavam antes, é uma paixão bem grande, não tem nem o que falar sobre (P1).

[...] pensa, de verdade, eu ganhava um pouquinho a mais lá (no outro emprego) do que eu ganho aqui (no time de futsal) e eu larguei lá pra vir, entendeu? Por quê? Porque é por amor (P8).

Esse gosto, prazer e paixão pela prática estão entre os fatores essenciais para permanência na prática (VISSOCI, 2013). Percebe-se pelo discurso de P8 que em detrimento de outras oportunidades de emprego financeiramente mais interessantes, ela mantém sua carreira de atleta, devido ao fator próprio dela, a paixão pelo futsal.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar a percepção de atletas adultas de uma equipe de futsal feminino de elite do estado de São Paulo, em relação ao apoio de familiares e amigos para a prática, relacionando às questões de gênero. O objetivo específico foi analisar a ocorrência e possível influência de questões de gênero atuando como barreira à prática de futsal para as mulheres.

Para as atletas, a perspectiva social sobre questões de gênero é um fator de grande influência na permanência na prática do futsal, influenciando na inserção, profissionalização e manutenção na prática de meninas e mulheres dentro do contexto analisado. Nesse estudo pode-se perceber fatores determinantes para permanência de maneira geral, sendo eles o preconceito e a falta de estrutura, como pontos negativos que dificultam a continuidade das mulheres no esporte, e as oportunidades de investimento e apoio, como fatores que facilitaram esse processo.

Dentro do primeiro tópico, preconceito e falta de estrutura, observa-se o preconceito com as mulheres, agravado por serem mulheres atletas, o receio ou até mesmo preconceito dos próprios pais como fator importante para inserção delas no futsal. Além disso pode ser visto que as atletas sofreram com o machismo e a homofobia dentro do esporte, além da falta de patrocínios, divulgação na mídia e baixos salários. Já em relação a falta de estrutura, consequência do preconceito, nota-se a falta de investimento, a dificuldade em

estruturar times de mulheres, que muitas vezes acabam tendo sua iniciação tardia no futsal, podendo ocasionar a evasão no esporte.

Em relação ao segundo tópico, oportunidades de investimento e apoio, observou-se fatores internos e externos que facilitaram a permanência. Como fatores externos tem-se a oportunidade de jogar e competir, o apoio dos pais e dos treinadores e as oportunidades financeiras e bolsas de estudos. Já como fatores internos, percebe-se a paixão pelo esporte como principal motivador as atletas.

Por fim, embora esse estudo tenha sido direcionado para atletas do futsal feminino da elite do estado de São Paulo, fica o registro e convite para que este mesmo tipo de leitura e análise seja realizado em outros contextos, tanto do futsal quanto de outras modalidades esportivas praticadas por mulheres.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, H. & REIS, H.H.B. (2013). Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 211-232.

AUGUSTO, Cyndel Nunes. **Encontros no cu do mundo: alianças entre os estudos feministas, queer (decolonial) e a Educação Física cultural**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

COTÊ, J; BAKER, J; ABERNETHY, B. (2007). Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In: **Handbook of Sport Psychology**. Hoboken, Wiley. p. 184-202.

DAOLIO, J. **Cultura Educação Física e futebol**. 1ª ed. Editora Unicamp, 2002.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". **Rev. Bra. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 1, p.51-61, 2017.

GOELLNER, S.V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, 143-51.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esporte: questões epistemológicas

sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 173–196, 2008.

GOELLNER, et al. **Pesquisa qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar**. Revista da Educação Física, Maringá, v. 21, p. 381-410, 2010

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MASCARIN, R. et al. **Feminilidade e preconceito de gênero no futsal: uma perspectiva de atletas brasileiras**. São Paulo, fluxos & riscos, vol. II, n.2, p.83-96. 2017.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **A evolução da carreira das jogadoras brasileiras de elite do futsal: experiências diversificadas e especialização esportiva tardia**. Motriz: rev. educ. fis., Rio Claro, v. 25, n. 2, e101968, 2019.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MOREIRA, M. DE F. S.; PRADO, V. M. DO; CAVALEIRO, M. C. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Re-Vista**, v. 26, n. 2, p. 524-546, 30 jun. 2019.

MUZZETI, L. R. Dominação masculina: a construção histórica materializada em herança social e cultural. **CAMINE: Caminhos da Educação = Camine: Ways of Education**, Franca, v. 9, n. 1, p. 88-105, jul. 2017. ISSN 2175-4217.

OLIVEIRA, F. V. C. **Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do Ensino Médio sobre questões de gênero**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia ciências e letras de Ribeirão Preto. 2016.

TAMASHIRO, L. I.; Galatti, L. R. **Preconceito no Futsal e Futebol feminino nas revistas brasileiras: Uma revisão bibliográfica**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 10. Num. 41. 2018. p.795-799.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig et al. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 145-156, abr. 2013.